

Mário Herrero Valeiro



Edições ArcosOnline.com

Título

A Vida Extrema

Autor

Mário Herrero Valeiro

Editor

Victor Domingos
editor@arcosonline.com

Data de edição

Junho de 2005

Edição



Edições ArcosOnline.com
www.arcosonline.com

Edição apoiada por:

CLS Macloja
www.macloja.pt

Este e-book é distribuído gratuitamente com a devida autorização do autor. É permitida a sua impressão e redistribuição em papel ou em formato digital, desde que isso seja feito sem propósitos comerciais e todo o seu conteúdo se mantenha inalterado. Se pretender incluir este trabalho nalguma publicação digital ou em papel, por favor entre em contacto com o autor ou com a instituição editora.

SOBRE O AUTOR



Mário J. Herrero Valeiro (Corunha – Galiza, 1968). Licenciado em Filologia Hispânica pela Universidade de Santiago de Compostela (1991) e Doutor em Filologia Hispânica pela Universidade da Corunha (2000). É tradutor autónomo e tem publicado numerosos artigos de sociolinguística e glotopolítica em revistas galegas (*Agália*, *Nós*, *Estudios de Sociolingüística...*) e internacionais (*Plurilinguismes*, *Revista Iberoamericana de Discurso y Sociedad...*).

Como poeta é autor dos livros *No limiar do silêncio*. *Poemas da estrangeirice* (VII Prémio de Poesia Espiral Maior, 1999) e *Cartografia da Atrocidade* (Edições Tema, 2001), bem como o conjunto de poemas *Espaços. Abismos (para uma leitura romântico-libertária do dous)* em *Agália. Revista da Associação Galega da Língua* núm. 79-80 (2004). Participou também nos livros colectivos *Mátria da Palavra. Antologia de poetas galego-lusofónos (Cadernos do Povo. Revista Internacional da Lusofonia, 1990)*, *I Certame Literário* (Faculdade de Humanidades – Universidade da Corunha, 1993) e *7 Poetas* (A. C. O Facho, 1995). Publicou poemas em diversos números das revistas *Nós. Revista da Lusofonia* e *Temas de O Ensino de Linguística, Sociolinguística e Literatura*, e no número 2 da revista *Anto. Revista Semestral de Cultura* (assinando como João Valeiro). Tem colaborado também com diversas revistas electrónicas, em especial com *Çopyright. Pensamento, crítica e criação*, em cujo número 68 pode ser ouvido um breve recital poético do autor (“*desconheço o significado da cegueira*” – <http://www.udc.es/dep/lx/cac/sopirrait/sr068.htm>).

A Vida Extrema é o final de uma trilogia, começada com *No limiar do silêncio* e continuada com *Cartografia da Atrocidade*, e, pelas palavras do autor, significa o seu abandono, talvez definitivo, da expressão poética.

A Vida Extrema

Debaixo da pele o corpo é uma fábrica a ferver
e por fora.
o doente brilha,
reluz,
com todos os poros,
estilhaçados.

(Antonin Artaud, *Van Gogh le suicidé de la société*, citado por Gilles Deleuze e Félix Guattari em *O Anti-Édipo. Capitalismo e esquizofrenia*)

Serei explícito. Sei que as pessoas que me conhecem não irão acreditar no que vou dizer, mas eu sou nómada e a minha vida é extrema. Não nasci nómada, mas sou nómada e morrerei nómada. O meu percurso é lento, mas eu sou nómada. O meu ventre é imenso, mas eu sou nómada. As minhas viagens, escassas. Mas eu sou nómada. E a minha vida, extrema. É por isso que, como escreveu Nietzsche, eu não sou um homem, sou dinamite. Pois é minha a capacidade da implosão. Minha, a potência criadora. Atrás da minha face de burguês indolente, explode o apetite de destruição. Eu sou da estirpe dos assassinos. Dos que querem a guerra. A morfina corre pelas minhas veias. Sou quem cruza o deserto e derruba os templos. Se existisse uma pessoa que soubesse compreender as minhas mãos, veria nelas os dedos compridos da peste libertadora. A mão negra que é pulsão irreprimível de vida. Atrás da minha face de morto, assoma a visão espantosa do útero de deus. Porque, como tenho escrito, eu sou a mão que dá a vida a deus. E quem lha rouba. Foi Baal quem edificou a minha biblioteca. O Velho da Montanha mostrou-me os seus intestinos e neles vi o meu caminho. Sei que destruirei cidades, sei que levantarei ídolos. Sei que caçarei nas florestas do Norte. Sei como são os vermes que irão crescer no meu ventre. Sei quais são as palavras. Sei por que ainda me obstino em persistir no sacrifício. Sei muito bem qual a função dos sapos, qual, como mostrarei, a forma do inferno. Sei, enfim, por que destruo o meu corpo, por que limito os espaços do poema. A minha é a experiência de uma vida extrema, a exploração sistemática do vazio que me envolve. O conhecimento cirúrgico da dor que nos funda. Isso que tem como nome doença. A vida extrema é o conhecimento exacto, a descrição minuciosa do que é a morte. Caminhar polo centro da rua com roupas burguesas e alma de caçador. A imaculada lentidão dos meus passos até ao centro da praça onde, como escreveu Octavio Paz, a minha cabeça é uma fonte. E isso mana com força. Flui brutal pelas ruas e as praças. Inunda a cidade. Devora os espaços. Cria a revolução e extermina os revolucionários. E os corpos explodem como sapos. E os sapos ocupam o lugar dos homens. E Baal ri enquanto queima a minha biblioteca. Nos intestinos do Velho da Montanha eu vi a minha origem. E eu, em silêncio na minha cadeira de pedra, estático e indolente, nómada, ofereço estes versos poderosos de vida, estes versos sociais que falam do inferno, que é a cidade, que é o fedor imundo do capital, que é uma casa, que é a geometria de um corpo quebrado, dos poros estilhaçados, que é a memória. E por isso ofereço hoje estes versos como demonstração incontestável da experiência de viver uma vida extrema. Cruzando o deserto, eternamente. Cruzando o inferno, que é um jardim, que é um gesto autoritário, que é o esquecimento, que é a poesia.

I
MORREREMOS LENTOS

Frente al registro de lo no vivido, con su experiencia de imparables primicias, la vivencia del origen sólo puede ser autoritaria y violenta.

Santiago Alba Rico, *La ciudad intangible. Ensayo sobre el fin del neolítico*

1.

ocuparão os jardins
com fotografias velhas dos avós
brinquedos rotos, ossamentas,
regras e biografias
e nós calaremos,
afogados polo peso da memória,
sem sabermos como administrá-la,
aqui, perdidos em pequenos quartos
perdido todo o respeito polos nossos heróis
velhos, e as suas fotografias
ocupando os jardins, os umbrais
e os pequenos quartos em que nos perdemos,
cada vez mais, a construirmos livros,
labirintos, uma casa, qualquer casa
morreremos lentos,
ancorados em biografias

2.

agora o corpo é como essa casa
de madeira quebrada, as traves caídas
sobre um soalho já inexistente, os
móveis não usados durante anos ocupam
um espaço que não lhes corresponde,
camas sem cadáveres, armários sem
roupa, cadeiras cobertas por uma
poeira de séculos, retratos de famílias
que nunca existiram, agora o corpo
é como esse crucifixo pendurado numa
parede dessa casa de madeira quebrada,
um corpo inerte, um corpo destruído,
a lenta sombra de um fantasma

3.

quando era adolescente,
era frágil e era falso,
nisso muito não mudei,
mas agora as sombras
têm outros cheiros, são
como peixes mortos ou
como os sons de um bar
de bairro, são pacientes
e continuam, a espreitarem
todos os meus passos, as
minhas palavras, mesmo
os meus escassos actos,
são persistentes, tão pacientes,
a esperar um erro, uma
minúscula gralha num
poema que não terá leitor
qualquer segundo de ansiedade
e estão aí, com o seu cheiro
a peixe morto, a órfão,
a bar de bairro e a dinheiro,
contínuo, frágil e falso
continuam, as sombras

4.

paternidade

é uma criança diminuta
ou talvez uma árvore,
uma prateleira
da minha escassa biblioteca,
uma forma de olhar o céu
uma artimanha, duas palavras
que não sei interpretar, um
prólogo impertinente,
cinco segundos
alguma tarde de Setembro,
um não pensar na geometria dos corpos
uma apologia de Nietzsche, ou antes,
um acto terrorista,
sim. é isso,
uma posição política,
pela primeira vez na minha vida
uma posição política
que nasce de cinco segundos esquecidos
uma tarde de Setembro,
a antítese de um poema erótico,
desses poemas eróticos em que
o erotismo está desterrado
e por isso é um acto de guerra,
um desejo impertinente
enquanto os dias se deixam ir
e eu perco a minha história

5.

o amante adolescente

sonha o amante
a geometria da sua tragédia,
prevê as artimanhas
do inimigo, inventa truques,
palavras, ousa esquivar algum
poema, sonha o amante
a sua morte, como todos os
amantes, e em língua estrangeira
assina um papel, talvez
uma carta que não enviará,
depois observa a sua face no espelho,
arruma alguns livros no seu quarto,
é madrugada, sonha o amante
ser amante

6.

este é o inferno, isso é uma coisa
que todos sabemos, este é o inferno,
os sons que procedem do andar superior,
as janelas fechadas, as luzes na
madrugada, os livros de Foucault
nas prateleiras, o meu diploma de
doutor em filologia hispânica, as
minhas pequenas teimas, a pele da
minha adolescência, as lembranças
que são presente, e não os mortos
inexistentes, não os poemas que
nunca escreverei, não a minha
mulher, não o meu filho, nem
sequer o meu volumoso ventre
frente ao espelho, este é o inferno,
como nessa formosa tradução de
Dylan Thomas, este é o inferno
a mão ao assinar este papel

7.

este é o inferno, estas salas imensas,
repletas de artefactos inúteis,
armários enormes, papéis e
cadáveres, estas salas imensas
em que se acumula a memória

8.

ludopatía

tenho uma mão cheia de moedas,
tenho uma garrafa de água,
tenho um cão que devora os meus intestinos,
tenho uma vida e não sei o que fazer com ela,
tenho uma incerteza, uma cegueira
persistente, uma maré de pessoas
que desfilam de forma ordenada,
tenho uma mão cheia de moedas
e as horas decorrem, e já nem sequer
acho refúgio na mentira do poema
este é o inferno, horas nos bares
com uma garrafa de água, há
tantos anos que nem lembro o começo,
tenho uma adaga, tenho as palavras
e não sei o que fazer com elas

9.

Uma linha de ar é escória
a seguinte são palavras de glória,
duas, seis ou dez constroem o vento
que perde a face no poema.

10.

Tenho linhas de ouro no peito
e o sémen que me inunda os olhos,
tenho o espírito de uma velha
a apurar os últimos instantes no paraíso.

11.

Caminha o poeta polas ruas da cidade,
uns papéis na mão esquerda
sabem qual é a condenação:
os olhos miram fora
balbuciando a falácia da leitura.
A rua é uma linha de fuga
na cartografia do inferno.

12.

É digno de inveja o assassino
quando desenha o estigma no ventre do mártir.
O sangue construirá uma cruz gamada no chão
e esse é o signo dos tempos.
Recuperaremos o mundo
e cobraremos vingança: rezaremos em silêncio
perante a cruz de sangue, os nossos joelhos sabem
por que beijam a terra.

13.

espanta esse gesto autoritário
esse olhar que foge, esse ruído
de crianças e de carros, essa rua,
os meus dedos que percorrem o poema,
espanta o decurso das horas,
a imobilidade dos muros, a tua
passagem silenciosa polos quartos da
nossa casa, espanta esta ausência
inaudita de espanto, este jantar
eterno de cadáveres, estas salas
sem portas, esta persistente cegueira

14.

abril, 1992
(les revoltes logiques)

um pouco de sangue entre os lençóis,
as mãos oferecendo algumas lágrimas.
Na rua já queimam os livros,
a arder, a arder, pequenas profecias,
a arder a ciência insuportável:
a sede de cavalgar e os tuaregues
no matadouro, cadáveres na areia
do centro da cidade, nós somos os homens
azuis, silêncio no deserto, a arder
luz do inferno, demasiado espaço
ocupa o vazio, a arder pequeno oco
sedente, lume de inferno, leito de virgens,
a arder, a arder tristes cadáveres,
na rua as cinzas serão pó
a cavalgarem no vento

15.

a casa egoísta tinha nome de país,
tinha nome de cultura, tinha nome
de língua, de religião, de literatura,
a casa egoísta queria todos os nomes,
mas a mão de uma anarquista
deixou-a apenas com um nome,
a casa queimada, ali onde ardem
para sempre os mil nomes do desastre

16.

Essa coluna é a trave de Deus
mantendo em pé o edifício: estamos mortos
vivendo na escuridão e na terra,
abramos amorosos os braços
e beijemos as águas. O peixe azul
está a esperar por nós.

17.

os cães que vivem
por cima do meu crânio
batem no chão
com as suas línguas húmidas
e os seus falos cantam a canção do ódio:
o sangue dança, o sexo vibra,
tão formoso, tão formoso,
os cães uivam
às portas, torturando os tímpanos,
fechando os olhos ao abri-los.
Atrás das janelas,
vive a ânsia do assassino.

18.

tenho o estigma cravado no teu ventre:
não deixes nunca que o filho
se erga sobre as duas pernas
não deixes que te busque o seio.
uma língua débil percorrendo o intestino
lembra o passado quando enchia uma boca
e mesmo duas e um sexo inominado,
obsceno como um pequeno deus que sonha
na erecção primeira e real, em pôr-se de pé
para morder um seio que alguns chamaram mãe.

19.

heroína, capital

lembro a procissão dos mortos,
rua abaixo via-os todos os dias da minha janela
as suas faces eram una
arrastando as pernas com passos curtos
e rápidos, cambaleando, agitando as mãos.
balbuciando palavras desconhecidas
lembro a procissão dos mortos,
vejo-os ainda da minha janela
rua abaixo, as suas faces são una,
a caminharem altivos e rápidos,
as suas faces em desprezo, satisfeitos,
balbuciando palavras desconhecidas
diversas são as formas da miragem
diversas as línguas da barbárie
diversas as faces dos mortos
que vejo ainda da minha janela

20.

em jogo de drama elevarás os olhos
e a luz será ferida na tua pele,
será lume abrindo a vida através de algum verso
ou incidente quotidiano, catástrofe ridícula
para satisfeitos ou amantes, mestres
de línguas menores e paixões mínimas,
olhos de anho por mulheres sem alma,
por homens sem voz lágrimas de sexo,
em jogo de drama, em estratégia de derrota,
a luz é ferida nos rostos dos que me seguem,
dança da morte, poesia que nasce de três palavras,
escasso vocabulário para sobreviver neste mundo
de inverno, insensível às súplicas
da música dos desesperados: nunca será ferida
na pele dos que derrotam, os que comigo estão
certificando sem piedade a catástrofe
da minha vida, em burla de drama,
em comédia menor mas com língua de deuses

21.

eu não quero esse deserto
que surge da minha boca,
eu só quero a imensidade
que me oferece o silêncio

22.

na reconstrução de uma vida
surgem das mãos do poeta
mares imensos de impotência:
nos olhos que se erguem
verá a sua morte

23.

e dizes morte
e eu compreendo
criação do poema
excremento das alimárias
que percorrem o teu corpo

24.

o que eu sou

agora deveria ser feliz,
democraticamente feliz,
e só sou um imenso ventre
sobre duas pernas cansadas
sobre dous pés inúteis
porque este é o inferno,
neste falso Agosto, neste
cemitério espanhol, e sei
que a nada tenho direito,
que sou um usurpador
de espaços, um ladrão
de momentos, um perversor
de versos de outros, um
plagiador sem vergonha
com duas pernas cansadas
e dous pés inúteis, eternizando
rituais, fazendo o prólogo
de um poema sem final,
eu, eu sou o que habita
esse espaço falso, entre
a doença e as sombras,
eu sou a doença
eu sou as sombras
eu sou mais um habitante do inferno

II

ISSO, SEMPRE

(poemas sobre a vida extrema)

El enemigo es el hombre
y soy
pastor del excremento
señor único de la nada
rey del viento
página en que ladra un perro

Leopoldo María Panero, *Conversación*

1.

o que é a doença

a doença não é uma artimanha,
não um disfarce, nem um artefacto,
a doença é real, a doença é
a realidade, é o que sinto em
todo o meu corpo e em redor dele,
a doença é isso, it, ça, isso dói,
dói, dói, dói dentro e em redor, isso
dói, dói sempre, dói agora, dói
uma dor física, tão tangível que
aqui não há lugar para existencialismo
nem religião, a dor, mesmo
além do niilismo, a dor é
o único real, por dentro e em redor,
neste monólogo interminável sobre
isso, sobre a mão que escreve,
sobre os olhos que não sabem ler,
sobre este apetite de destruição
sobre a inutilidade das palavras

2.

se esta fosse a minha língua
eu seria a faca que corta as palavras
e delimita as fronteiras dos sintagmas,
eu seria o oráculo que conhece
as palavras de ordem e
a arquitectura dos versos futuros
eu seria o poeta que habita
no estômago dos genocidas,
no crânio dos dementes,
nas mãos dos assassinos,
nas entranhas dos sacerdotes
se esta fosse a minha língua
coseria a minha boca com fios de aço
para que ninguém ma roubasse.
se esta fosse a minha língua

3.

about it

confundo os signos,
os seus nomes
neste jogo em que
a intuição joga
a procurar os objectos,
os seus nomes,
naquele quarto em que fui torturado,
ou neste,
em que me consumo
confundindo os signos,
os seus nomes,
observando o labirinto lento
do meu corpo
que esquece cousas
entre os dedos
e confunde os nomes,
os seus nomes

4.

about it (II)

é uma perseguição lenta,
todo o demorada que pode ser
a descrição pormenorizada do
medo que dá forma ao doente
o doente tem a face de um cão
e as suas mãos são armários
que contêm relatórios médicos,
centenas talvez, o doente
diria que milhares, nada grave.
bem é certo, mas
a perseguição é lenta,
a destruição sistemática,
desapiedada, como o percurso
das crianças polas ruas

5.

**o refúgio é o nome de uma casa de putas
na estrada de Carvalho**

a Tom Waits

fui concebido no estômago de deus
de novo o crânio começa a sua dança,
eis a canção do cão, o hino das cloacas
com a voz rouca de um piano esquizofrênico
não há tecto sobre a minha cabeça
impávido assisto à destruição do poema
fui concebido no crânio de deus
de novo o estômago começa a sua dança

6.

lógica poética

é o desejo profundo de cortar as mãos,
de cortá-las, na procura constante
das pegadas no ar, na terra, na pele,
no percurso que desenham os rastros
de sangue nas ruas, manifestemo-nos
na nossa vacuidade, príncipes dos sapos,
senhores do mármore e do metal,
avarentos acumuladores de livros e ossos,
nosso é o vasto território da mentira,
nossos são os poemas de ferro e cegueira,
nossa é a cartografia dos cemitérios
a lógica criminal do desejo

7.

quando a ira me invade
tenho face de corvo
e as minhas mãos são de areia,
sou amo de facas e versos,
e as paredes quebram-se como papel
na minha presença,
quando a ira me inunda
tenho face de areia
e as minhas mãos são de corvo

8.

Os lábios de uma velha selarão o apocalipse:
homens medíocres ocuparão âmbitos pútridos
e os desalmados descerão do céu.
Com o ventre aberto observarei o rio seco.
Destas mãos já mais nada sairá:
escrever com sangue aquele Evangelho.
Ler em sangue por fim um livro.
Um livro por fim fechado.
Benções para os desesperados.
Os avisos chegam
mas ninguém parece escutá-los:
chegará o poder negro
que vos aniquile da terra. É justo.
Horas de matança são necessárias.
Desejo a pureza que se me negou.
Quero ser uma virgem saindo da água.
Quero estar presente quando queimem as cruzes.
Quero ser um morto quando Deus por fim se ajoelhe.
Porque não pude ser a sombra de Peter Pan?
Ai daqueles que não sabem balbuciar,
mal irão buscar o sangue e a demência
nos versos do filho que mora entre os muros de pedra
pois não há duas linhas de vento iguais
nas ruas medíocres desta vigília:
mal irão buscar a clemência
nas faces daqueles que conhecem a morte.
E não saberão ler. Já o sabemos.
O discurso limpo passará por cima de nós.
Passará. Vozes limpas para a tortura.
Vozes limpas que chegam do mais fundo.
Por nós. Por nós. Para a nossa aniquilação.
Balbucio para imitar jogo.
Não, não, os satisfeitos não sabem.
Os satisfeitos são.
Comem e fodem.
Este é o tempo dos cabrões.
Sei-o desde esta dor tão real.
Um nada de sangue
que entra na água
e lhe dá cor.

9.

porfíria

ver como apodrece a pele, como
se afundem os olhos, como
fedem as vísceras e caem as unhas,
o cabelo, as palavras, os dias,
todos os dias, todos os dias,
observar incrédulo a degradação do meu corpo
e sentir sempre o desejo,
uma sede infinita, o frio nos ossos e
a tua face no espelho
a recusar a minha presença
no vazio da tua memória
beberei do teu corpo
comerei da tua alma
será o meu alimento
o sumo que mana dos teus braços
comerei do teu corpo
beberei da tua alma
e serei o teu alimento
o vazio que espera ao final da memória

10.

porfíria
(variação)

beberei do teu corpo
comerei da tua alma
e serei da matéria que forma
a estrutura maldita do poema

11.

na caverna do meu estômago
no vácuo do meu crânio
uma ossamenta de metal
e as roupas que fedem
o inimigo é o homem

12.

deixarei cair os meus óculos,
e amarei essa visão incerta
do que é o mundo, essa luz
escassa que penetra pelas
persianas quase fechadas,
aqui, neste quarto em silêncio,
longe da biblioteca, deixarei
cair os meus óculos
e, por fim, tentarei ver
os porquês da minha cegueira

13.

auto-retrato

só a poeira
só os rastos nos olhos
só o perímetro do meu ventre
só esta queda infinita
quando o dia nunca finaliza
inexacto o nome do poema
que é poeira e rasto nos olhos,
que é infinito
que é o meu ventre
que nunca finaliza

Sabia

que na nossa página da Internet

pode **contactar**

com os autores das
nossas obras

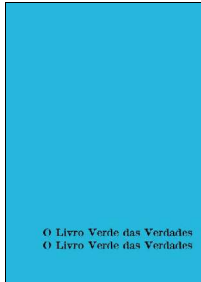
?

www.arcosonline.com



O Livro Verde das Verdades

Autor: Cezar Esturba
Género: Poesia



Obra incomum e inventiva que não se enquadra nos cânones tradicionais da poesia de expressão portuguesa, “O Livro Verde das Verdades” é todo ele uma provocação, do início ao fim. O leitor não poderá ficar indiferente, e certamente algo em si terá mudado quando voltar a última página deste livro!

Histórias Que Acabam Aqui

Texto: Teresa Lopes
Ilustrações: Sara Costa
Género: Contos para a infância

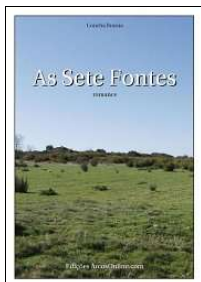


O livro “Histórias Que Acabam Aqui” é composto por um conjunto de seis "contos para a infância" que, no dizer da própria autora, não se destinam apenas a crianças, mas a leitores de todas as idades.

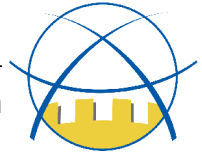
As Sete Fontes

Autora: Concha Rousia
Género: Romance

*Edição comemorativa do
Dia das Letras Galegas 2005*



A acção deste romance anda à volta do misterioso desaparecimento de uma peça de arte sacra em exposição no Museu Arqueológico de Ourense. O estranho sucedido é acompanhado de forma entusiástica pela comunicação social e pela população, dando origem a um conjunto de acontecimentos hilariantes. Dois estranhos investigadores começam também a investigar o caso, interrogando os habitantes das redondezas. Entretanto, um padre fora de actividade, um pedreiro e um alcaide com problemas de consciência percorrem no silêncio das noites os caminhos da província, numa peregrinação que fará a sua passagem por sete fontes, até chegar a...



Literatura

ode a um poeta naturalista (narrativa)
A Busca Entre o Vazio (narrativa)
O Livro Verde das Verdades (poesia)
é preciso calar o monólogo (poesia)
Antes do Fim (narrativa)
Histórias Que Acabam Aqui (contos para a infância)
As Sete Fontes (romance)
A Vida Extrema (poesia)

Actualidade e cultura

A Língua Portuguesa no Alto Minho (ensaio)
European Writings on Psychology (textos científicos)

Humor

O Bando dos 6 ou 7 (crónicas)
O Malogrado Capitão Osório (folhetim)

Em preparação:

Erótica (poesia)
Sobras de Deus (narrativa)
O Salústio Nogueira (romance)
Lince Ibérico – Revista Literária de Expressão Ibérica